

# Sânzio de Azevedo, Estudioso do Parnasianismo

*Linhares Filho*

Não sou nenhum dos que contribuíram com informações para o maior êxito da publicação que ora festejamos, mas apenas com o entusiasmo expectante e indagativo de leitor atento ao processo de elaboração do ensaio em causa, interessado que fico por tudo o que produz literariamente Sânzio de Azevedo. Não se justificaria, portanto, que eu recebesse o honroso convite do autor de *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* \* para apresentar, aliás desnecessariamente, essa magnífica obra.

O que explica, para mim, mais efetivamente, o convite de Sânzio de Azevedo, a quem agradeço pela confiança no amigo, é a fraternidade que nos une há muitos anos, a nós, que, colegas no magistério superior e confrades na Academia, participamos juntos de vários cursos de pós-graduação, compartilhando as mesmas leituras, recebendo as mesmas lições de luminares das Letras, tudo nos levando a gostos literários semelhantes, o que gerou uma recíproca admiração intelectual, não obstante certas discordâncias que beneficemente nos individualizam.

Por outro lado, não sou daqueles que costumam detrair o Parnasianismo nem dos que revelam manter uma disfarçada ojeriza a ele, mas até dos que cultivam, confessadamente, apreço à poesia de participantes dessa estética como Olavo Bilac, o grande parnasiano de alma romântica em livros como *Via Láctea*, sensual em *Sarças de Fogo*, *Alma Inquieta* e de comportamento algo simbolista no volume *Tarde*. Aliás, o que se escreve sobre Bilac, no livro que hoje aqui aplaudimos, faz-me desistir, definitivamente, pela essencialidade do tratamento do tema, de pôr em prática a intenção, há muito acalentada, de escrever um trabalho sobre o poeta carioca, a quem tantas vezes me tenho referido em meus ensaios, e que reputo, por suas reflexões metafísicas, um dos mais densos poetas brasileiros, que ao culto da rigidez formal soube aliar o sentimento e a atitude filosofante.

Com *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*, livro em que praticamente se esgota o assunto, Sânzio de Azevedo, exercendo a sua proverbial capacida-

---

\* Fortaleza: Editora UFC/Edições UVA, 2004. 373p.

de de pesquisador, historiador e crítico literário, apoiado pela intuição de excelente poeta, estuda essa estética de modo abrangente e profundo, em todos os estados brasileiros, dirimindo dúvidas, apontando equívocos, analisando textos sob os métodos hermenêutico em sentido amplo, estilístico, comparativista e cultural, julgando produções e autores, resultando de tudo isso um trabalho de superior categoria, um alentado, criterioso e arguto ensaio. A escola, focalizada com isenção, é revista em suas imperfeições e virtudes, mas sobretudo restabelecida como um repositório de valores literários, que marcou fertilmente um determinado período da Literatura Brasileira.

O autor, filho de um dos mais destacados poetas parnasianos cearenses, o pintor Otacílio de Azevedo, e irmão de intelectuais e pesquisadores do porte de Rubens de Azevedo e Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), logo cedo respirou no seio da família a aura da poesia e da cultura. Qualificou-se com um Doutorado brilhante na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pertence à Academia Cearense de Letras desde 1973, atua presentemente como Professor Visitante na Universidade Federal do Ceará, após exercer o magistério ali, por vários anos, na graduação e pós-graduação de Letras. Escreveu uma vintena de livros, entre eles *Apolo versus Dionisos: considerações em torno do Parnasianismo brasileiro* (1978) e *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*, em que defende a idéia de que, aqui, as manifestações parnasianas ultrapassam cronologicamente as simbolistas. O autor com todos esses títulos, ensaísta e crítico de fama nacional, bastante preparado se encontrava para a escritura da autorizada obra que temos diante de nós, mais um vitorioso empreendimento da Editora da UFC, com a colaboração editorial da Universidade Estadual Vale do Acaraú, valendo destacar ainda a orelha lúcida de Ítalo Gurgel e a capa criativa de Geraldo Jesuíno da Costa.

Salientem-se como provas da repercussão de Sânzio de Azevedo no País a sua colaboração especial na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, e a palestra, recentemente pronunciada na Academia Brasileira de Letras, sobre a poesia de Alberto de Oliveira, assunto que é um dos pontos do presente livro.

Despertado pelas reflexões de Sânzio de Azevedo o leitor é levado a rever com serenidade a contribuição do Parnasianismo às Letras de maneira geral. De fato, não se pode negar que o Parnasianismo haja deixado alguns ensinamentos inconcussos registrados na história da Literatura. Exemplificando isso, recordemos o conhecido metapoema "A um Poeta", de Olavo Bilac:

Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício;

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.

Sobre esses versos escreve Sânzio muito acertadamente: “A rigor, estes conselhos devem dirigir-se não somente a parnasianos”. E acrescenta: “a lição de que a obra de arte deve ser rica e simples ao mesmo tempo, e sem marcas da oficina, é de todos os tempos.” (p. 87) Além disso, esse ideal estético, professado nesse soneto pelo poeta, coincide não só com o de sua escola, mas com a atitude apolínea da consciência do fazer artístico segundo a classificação de Nietzsche, atitude que, oposta à dionisíaca, também grande valor, distinguido em oportuno procedimento dialético, encontra-se mesmo na intencionalidade do Modernismo (“O que em mim sente, ‘stá pensando’ – afirmá-lo-ia Fernando Pessoa). O comportamento apolíneo é confirmado pela geração de 45 e até pela chamada poesia participante, ou a que privilegia a preocupação social. E a concepção de Beleza confundida com a Verdade constitui ideal que, originando-se na Grécia antiga, aponta para a razão humana de qualquer arte.

Outrossim a lição parnasiana da valorização do soneto deve ser sublinhada. O soneto, síntese paradoxalmente abrangedora e forma tão execrada pelos modernistas de 1922, antecipou-se ao Parnasianismo, percorreu todas as escolas e chega vitorioso ao Pós-modernismo, embora modificado em seus processos intrínsecos e adaptado ao credo de cada estética.

Assinale-se, em *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*, o acervo de informações sobre ocorrências ligadas à escola de Théophile Gautier, Théodore de Banville, Leconte de Lisle, Heredia e Sully Prudhomme, as abundantes e precisas caracterizações do movimento, as intertextualidades e autotextualidades, a amostragem panorâmica sem descuido do detalhe, a análise estilística competente, a interpretação lúcida das idéias, a discussão de várias opiniões, de tudo surgindo uma habilidosa e erudita solução sem empolamento de linguagem e com juízo perspicaz e coerente.

Note-se, na obra, de modo particular, o discernimento do autor no destacar aspectos românticos e simbolistas em poetas parnasianos, como é o caso de Martins Fontes, e, em poetas posteriormente modernistas, comportamentos parnasianos como nos casos de Ronald de Carvalho, Jorge de Lima e Cassiano Ricardo, que evoluíram de um Neo-parnasianismo para o Modernismo e, quanto ao último, até para um Pós-modernismo. Preocupou-se Sânzio de Azevedo em enfatizar o que nos vários poetas se apresenta como marcadamente parnasiano, mas também não deixou de apontar vários casos em que os poetas, não numa evolução de fase para fase, mas exprimindo-se com variações estéticas concomitantes, adotaram características parnasianas na forma e românticas ou simbolistas no conteúdo, como os cearenses Cruz Filho, Mário Linhares e Otacílio de Azevedo.

Digno de nota é o fato de o ensaísta haver esclarecido devidamente a questão da propalada impassibilidade parnasiana em nossas Letras, e, nesse sentido, dou-lhe a palavra: “Pelo que temos visto até agora, inclusive na obra dos autores exponenciais do movimento, não tivemos no Brasil, rigorosamente, um só poeta impessoal, senão episodicamente, e advirta-se que temos buscado privilegiar o que há de mais radical em cada obra. Nem mesmo Francisca Júlia da Silva conseguiu ser totalmente impessoal [...]”. (p.285)

Examinando datas e conteúdos, Sânzio de Azevedo registra equívocos como o que se refere ao próprio início do Parnasianismo, e fica-se aceitando que Teófilo Dias, com o livro *Fanfarras*, de 1882, não foi o iniciador do Parnasianismo brasileiro, como se tem afirmado, mas sim Alberto de Oliveira, com *Canções Românticas*, de 1878, apesar deste título. Também apresenta o crítico fatos de fina observação como o relativo aos hipérbatos e anástrofes. (p.45) Demonstra não serem originários do Parnasianismo francês, como pensam alguns, por causa de a construção sintática da língua francesa, de estrutura simples e clara, não se conformar com essas figuras. Mostra Sânzio que tais processos no Parnasianismo brasileiro provêm do Barroco.

O que, em resumo conclusivo, pode-se dizer sobre o livro de Sânzio de Azevedo está nestas linhas por ele mesmo escritas a respeito da *História da Literatura Brasileira*, de Luciana Stegagno Picchio: “Com trabalhos dessa categoria, é possível que, com o correr dos tempos, o Parnasianismo brasileiro possa ser visto e analisado não evidentemente como o estilo ideal como o imaginavam os corifeus do movimento, nem como o símbolo do artificialismo, segundo a visão preconceituosa de grande parte dos livros didáticos de hoje, mas como uma corrente literária que, a exemplo de outras, anteriores e posteriores, teve figuras de grande, médio e pequeno porte, e cumpriu seu papel em dado momento da nossa história literária.” (p. 356)

Sem desmerecer o trabalho da crítica italiana julgada por Sânzio de Azevedo, entendo que o ensaísta cearense soube, com maior fôlego e determinação, mais sensibilidade e poder de convencimento, colocar no devido lugar a estética de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Machado de Assis e tantos outros.

Na qualidade de antigo participante do grupo Sin de Literatura, que, ao menos em teoria, se propunha acolher, em seu sincretismo de geração 60, experiências válidas de todas as escolas, atualizando-as sem prevenções nem radicalismos, ditames que tenho procurado seguir em minha própria poesia, saúdo com veemência o ensaísta, crítico, historiador, esticólogo, poeta e professor Sânzio de Azevedo e o seu iluminado livro que, sem nenhum favor, honram sobremodo as Letras não só cearenses, mas brasileiras.